REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 792

30 DE DEZEMBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva

OBRA DE MISERICORD'A

CHRONICA OCCIDENTAL

Está o seculo a estrebuxar. Grande velho, miseravel moribundo, está apenas por umas horas e rolará depois para o fundo abysmo escuro, comilão insaciavel, que está sempre de bocca escancarada.

Cem voltas deu o mundo em torno do sol; cem vezes a primavera encheu de flores os campos e os montes, pintou as olaias de côr de rosa e estendeu sobre os charcos os seus tapetes de nenuphases; cem vezes os trigos aloiraram, o verde escuro das ginjeiras se cravejou de rubis, os morangos perfumaram as boccas suas irmãs; cem vezes as vinhas, em grande festa, se ornaram de topasios e carbuculos e as galinholas vieram de longe pousar nos pinheiros gemebundos, quando as andorinhas se foram; cem vezes as serras se cobriram de neve e as aguas barrentas cantaram tristes endeixas nos leitos dos ribeiros. E, de cada vez, as estações viram os homens na mesma e cada homem variando sempre.

Os moradores do seculo diziam muito inchados: — «Estamos no seculo das luzes!» E, quando falavam do passado, chamavam-lhe o tempo do obscurantismo.

Mas o velho glorioso vai morrer!... 1900-1901. A simples mudança d'uma cifra n'um risquinho, pequenino traço modestissimo, primeiro elemento de caligraphia, mais nada é preciso. A chronologia deu cabo d'elle.

Descance em paz o seculo XIX!

Não lhe hão de faltar necrologios, que deixa herdeiros de todos os seus vicios, de toda sua miseria e riqueza.

Os que nunca fizeram nada hão de continuar pavoneando-se, dizendo aos rapazes do seculo XX: — Fomos nós que inventámos o telegrapho e as machinas de vapor, o phonographo e o telephone, os antisepticos e as injecções, a machina de costura e o phosphoro amorpho.» E velhos carecas hão de limpar a fronte cheia de suor.

— Fomos nós!

E' tão bonito dizer-se!

Pode acontecer entretanto que a rapaziada nova se aborreça, e, como talvez já não esteja na tradição o respeito aos velhos idiotas, lhes faça alguma troça mais pesada.

Seculo das luzes! Quem nos deu auctoridade para lhe pôr cognome? Essas audacias teem seus perigos. Tambem Felippe IV, quando acabava de lhe fugir Portugal das garras, se intitulou o *Grande*, e alguem menos cortezão disse d'elle. «O nosso amo é como um boraco, tanto maior fica quanto mais terra se lhe tira.» A anecdota é hoje mais conhecida que todos os motivos de grandeza do soberbo monarcha hespanhol.

O que mais deslumbra é com certeza o progresso das sciencias; mas nem por isso ellas deixaram de andar cheiasinhas de frazes tão ôccas como a que tanta vez nos fez sorrir de despreso, quando criticada pelos nossos mestres, já nascidos no grande seculo: — A natureza tem horror ao vacuo.

Não ha duvida, qualquer alumno do terceiro anno do lyceu sabe hoje muito mais do que os sete sabios da Grecia como Euclies e o Archimedes ainda por cima. Mas o que o menino não sabe é o que saberia se elles não tivessem estudado para o menino saber.

E' possivel que fossemos nós — este nos que todos escrevemos com vaidade! — que fossemos nós quem accendessemos as luminarias, mas o que é certo é que o azeite e a torcida já lá estavam ha muito tempo. Com o que se não sabe fazia-se uma bibliotheca muito maior de que todas as bibliothecas do mundo inteiro. Como entretanto se enche bem as bochechas, quando se diz: — «Em pleno seculo XIX!

Que sabemos nós da historia do mundo, desde que o sol o vomitou das proprias entranhas e elle começou a rolar isolado no espaço, a esfriar, a cubrir-se depois de vegetações gigantescas, a criar monstros, até que surgiu orgulhoso o primeiro homem? E, segundo affirma a biblia, logo que este quiz achar o X da primeira equação, errou os calculos, trincando a maçã.

Não o molestou o primeiro desastre e começou caminhando por ahi fora, de cabeça erguida, podendo fitar o ceo, motivo porque se tem em grande conta. Foi sestro dos filhos acharem-se sempre superiores aos paes e chamarem á velhice caturreira. Todos viram alvorecer ideaes e descer para o occidente carregados de nuvens os ideaes mais velhos. Todos orgulhosos do seu tempo, esquecidos do que haviam aprendido dos outros, não houve mestre de latinidade que, vaidoso de seus conhecimentos estrategicos, não demonstrasse aos discipulos como, se fosse Hannibal, decerto não seria derrotado.

Os antigos!... Ainda quando d'elles falamos com respeito, não deixamos de lhes demonstrar certa piedade, que nos fica bem. «Se o meu avô nascesse hoje!...» Como se não fosse o avô quem nos ensinou o *a-b-c*!

Até quando erraram, nos fizeram favor. Todos conhecem a historia d'aquelle cão que, chegando a uma encruzilhada e indo pelo faro na esteira do dono, cheirou para um lado, viu que elle não tinha ido por ali, cheirou pelo outro, chegou ao mesmo resultado, e depois seguiu pelo terceiro caminho sem se incommodar a cheirar. O mesmo ás vezes fizeram nossos avós: — «Olhe que o caminho por aqui não presta!» E logo nós seguimos pelo outro, muito empavonados. — «Isto é que é acertar!»

Uma das principaes razões da nossa vaidade é com certeza o grande impulso dado ás artes typographicas e o derramamento pela imprensa dos vastissimos conhecimentos humanos. Verdade é tambem que os mexeriqueiros vivem n'um tempo em que é tudo maré de rosas, em que um homem já não tem de sahir de casa para saber o que o visinho da direita comeu hontem ao jantar, nem como o da esquerda festejou o anniversario de sua ex.ma mana. Fazem-se jornaes só para isso e por isso a deshoras se deitam os typographos, pouco mais ou menos quando os padeiros se levantam. Mas isto é simples pormenor e por tão pouco não deixaria o seculo a alcunha com que vai descer á sepultura.

A missão da imprensa tem sido cantada em prosa e verso. Foram ella e os arames do telegrapho, em que os nossos tios sebastianistas só viam uma invenção o demonio, quem realmente déu azas ás idéas e as tornaram mais fecundas que o philoxera.

Sim, por isso mesmo foste enorme, ó seculo que vaes morrer, e não quero deixar de rezar-te, commovido, minha oração funebre. A palavra, disse-o não sei que philosopho, foi dada ao homem para disfarçar seu pensamento, e tu, ó grande seculo, achaste o meio de dar maior envergadura á mentira. Foi assim que protegeste os diplomatas cynicos e crueis e ajudaste muita guerra injusta; ergueste a grandes alturas financeiros sem escrupulos e trouxeste-lhes riquezas colossaes; lisonjeaste muita vaidade, ajudaste os ricos, mentiste ao pobre consolando-o com palavras vãs; áquelles que mais te honraram deixaste-os morrer de fome, só lhes dando um nadinha de gloria que não mata a fome, e aos avarentos que os exploravam deste lhes titulos e bons negocios; ouviste quando nascias tres palavras que encantavam os homens: liberdade, egualdade, fraternidade. Em que drogas as transformaste?... E's o seculo das luzes! Pois então vai, miseravel velho, rola no abysmo á semelhança dos teus irmãos, e leva comtigo, triumphal, mais esta luminaria.

João da Camara.

FIDALGOS DA PROVINCIA

CIDADES VELHAS

I

Recordo-me dos fidalgos da provincia, e com elles convivi na adolescencia, e na minha juventude. Foi hontem; sou lembrado que eram a nota pittoresca, sympathica, em a sociedade de ha trinta annos.

Que de horas, tão prestes evoladas, não passei cavalgando, caçando, comendo, com aquelles bons heroes, que o constitucionalismo foi empregando nas secretarías, porque em leis e revoluções lhes levára o melhor do patrimonio!

Quem hoje visitar as velhas cidades da provincia, já os não encontra, que, se uns os tomou a secretaría do Estado, outros lá se estarreceram á ultima faúlha do lume do seu lar deserto!

Conheci muitos d'elles: — o Raposo de Montemór-o-Velho, que era um valente; o sr. Faustino dos Casaes, que era um gigante; os irmãos Brunos da Portagem, que eram dois elegantes; a sobrinha do general Sepulveda, uma santa, que fazia excellente marmellada! etc. Onde estarão agora? — No cemiterio, talvez.

Era tudo gente que vendia pôtros nas feiras, e frequentava as romarias de longe, as festas dos differentes oragos, onde cantavam muitos padres, e havia sermão. As senhoras tambem iam, ou em churrião puxado a bois, ou, uma ou outra menina nova, encavalgando á ingleza elegante murzêllo, que parecia bravo e era manso. D'esses agapes sou lembrado. Que alegria! E via-se no adro da egreia, na poenta estrada, na planura, na ondeante collina toda ensombrada de frondosos pinheiraes, a multidão sussurrante, cantante, bailadora, a desdobrar danças de roda, ou sobre a verde alfombra a toalha branca da farta merenda. Comia-se carne de vinha d'alhos, grandes bolos doces salpicados de ovos cosidos. Que tempo!

Ao cahir da tarde, quando já esmorecia o *Malhão*, o *senhor ladrão*, o *frade*, ainda se ouvia o estalejar de um ou outro foguete de sete respostas, e soar o bombo, batido pela enorme vaqueta de cabeça de trapos, e tambem a serranilha alegre da gaita de folles, que enchia valles e montes de toadas de encanto inolvidavel, que pareciam a propria voz das giestas, das congossas azues, dos bellos e verdes olmeiros e das mais arvores e penhas!

Ás vezes sentia-se grande reboliço. Toda

a romagem, como onda que vem alastrando corrida sobre uma praia, desmandava-se a um lado, e era grande a grita; e vozes diziam:—fujam; e os ebrios, erguendo-se cambaleantes, respondiam:

— Qual fugir, nem qual diabo!

As mulheres, tapando as orelhas com as mãos, davam uivos lastimosos. Mas, por fim de contas, era o fidalgo que varria a feira, como lá se dizia, fazendo sarilho com um grande varapau ferrado, e impávido, ia levando deante de si os valentes, que não entestavam com elle, já pelo respeito que lhe tinham, já pelo receio de ficarem deslombados.

Bons tempos e bons fidalgos!

II

Um dia, eu dançava em casa do Lemos da Gondizella, legitimista acerrimo, homem de um só feitio, de antes quebrar que torcer, valente como as armas, e artista amador de curiosidades e mobilias antigas. Era homem de haveres, apesar das guerras da legitimidade, das innumeras guerrilhas que tinha capitaneado nos tempos da patuléa, e do viver e folgar largo da provincia.

Debaixo do seu tecto, o forasteiro comia, bebia, dormia, e era festejado porque trazia as novas da cidade, as da capital, e as noticias dos bons primos e parentes da Beira, do Minho, de Traz-os-Montes, que eram os fidalgos de Moronho, os de Travanca, do Esporão, de S. Pedro do Sul, de Coimbra, de Revelles, de S. Silvestre, e de tantos outros, que tinham solar e capella, e davam grandes jantares á antiga portugueza, com leitão assado e travessa de arroz doce, feito pelas bentas mãos da dona da casa, — a prima Corisandra. Era este o viver antigo. O morgado era bom homem. Ajudava á missa, era o padrinho de todos os casamentos, dançava nas bodas; respeitado e acatado, nada se fazia sem elle. Bebia bem; e dava duas cacetadas, quando de mister.

Pois nessa noite, eu dançava em casa do Lemos da Gondizella, e comigo outros moços, que hoje estão adormidos no cemiterio. Miguel Pedroso era d'esses, e o melhor de todos, o mais airoso pela elegancia no porte e vestir, por sua alta estatura, e tambem pelo seu talento romantico de bom versejador; o que tudo parecia natural consequencia do seu pallido semblante, moreno, de sua figura de bigodes de grandes guias e de sua cabelleira comprida. Toda a *jeunesse dorée* d'aquelle tempo alli comparecera, infelizmente muitos d'elles, os mais moços, já eivados do espirito liberal, que então se enthusiasmava pela republica de Lamartine e pelos *Martyres da Liberdade* de Affonso Esquiros. Republicanos inoffensivos, porque tudo nelles se diluia em declamações, que, em vez de se acalmarem, mais subiam com um bom copo de vinho velho. Alli estavam egualmente muitos fidalgos, parentes mais ou menos proximos do dono da casa, que tinham chegado de vinte leguas em redondo, cavalgando grandes eguas bem arreatadas e bem apercebidas dos alforges de couro e mala de lona com corrente de cadeado, atravessada na garupa das ditas eguas; as quaes vinham tambem apercebidas de pistolas nos coldres e de estribos de pau, lavrados de metal amarello á maneira dos arabes, dos quaes todos vimos, ainda que o neguemos. Acompanhados de seus *mochilas*, que nesse dia foram surripiadas á lavoura, lá vieram muitos. Bailava-se na grande sala dos retratos, jogava-se em uma sala contigua o *monte*; e, sou lembrado, que um homem de grandes bigodes brancos, envergando um casacão de pelles, é quem *talhava* uma banca de vinte libras, em tostões novos, de prata. Chegava até lá a musica alegre das contradanças; e um moço, que assobiava n'um pifano, praticava a sua arte com tal força, que sobresahia a todas as vozes da musica, e nunca se fazia uma *parada* senão ao impulso d'aquelle silvo de flautim que, espevitando os nervos, a uns fazia dançar e a outros jogar, sendo assim causa aquelle pifano, de muitos amores, alguns dos quaes se desmandaram no casamento, e outros na perda de boas libras. (Ainda então existiam avondo, e nos rejubilavam. Ó saudades dos bons tempos!) O que tudo alegrava o homem dos bigodes brancos e casacão de pelles, que me disseram ser um fidalgo de Lorosa, muito toleravel sentado, mas que de pé causava pavor, porque elle era um gigante esquecido n'este mundo, para que se não acabe de todo o drama da figura humana e a voz das legendas.

N'isto, abeirou-se da tavola redonda de aquelles heroes de Spronceda, o fidalgo de Revelles. O pifano continuava ganindo, o que deu ardimento ao de Revelles, que era cortez como um palaciano creado em côrtes, mas algo timido. Topou o monte. Torcida a carta, todos os pontos se retrahiram e fizeram silencio. *Conticuere omnes*, excepto o pifano. O fidalgo perdeu. Por jogar a um lado mais trinta libras, perdeu tambem. A banca já estava em setenta libras, e a prata e o oiro derramados á mistura davam-nos ancias e fulgores de extranhas venturas.

Neste comenos assomou á porta um moço alto de grande bigode castanho, e vestido com tal primor, que, apesar da commoção geral, colheu prender um momento a attenção. Sobretudo o pé d'elle era pequenissimo, — cousa que per si só, n'aquelles tempos, conquistava todas as mulheres. Aproximou-se da banca.

— São 70 libras, disse, está bem; topo. E torceu a carta.

(Continúa) *João de Olivensa.*

OBRA DE MISERICORDIA

Devêras eloquente na sua muda expressão, a bella esculptura reproduzida pelo buril de Dieguez é um edificante ensinamento.

O artista não phantasiou demais querendo synthetisar a pratica de uma obra de caridade. Ensinar os ignorantes é a significação da sua notavel obra. Uma irmã da caridade, uma d'essas mulheres benemeritas que tão desveladamente se dedicam á pratica das obras de misericordia, ensinar aos innocentes orphãosinhos a persignar-se.

É de vêr como a boa irmã, guiando a mão á criancinha lhe ensina a fazer o signal da cruz, parecendo-nos até que lhe ouvimos pronunciar, e com ella o innocente: «Padre, Filho, Espirito, Santo.»

Nenhum dos leitores, ao contemplar o interessante grupo, deixará de se recordar com profunda saudade — se teve a fortuna de ser iniciado por sua mãe nos preceitos da religião christã — de quando ella, ao levantar ou ao deitar, lhe ensinava a fazer o signal da cruz e a repetir balbuciando a oração predilecta, dictada n'uma toada melancholica e confiante:

Com Deus me deito e com Deus me levanto
Divina graça, Espirito Santo
Minha Mãe Santissima
Cobri-me com o Vosso Manto
Se coberto fôr
Não terei medo nem pavor

E como o somno já pezasse nas palpebras, fazendo-as cerrar com força invencivel, a sua voz carinhosa completava a oração e dava-nos o beijo de despedida n'esse dia.

E assim se passaram os primeiros annos da infancia para aquelles que lograram os mimos d'esse amor sem par, e que se chama amor de mãe.

O pobre orphãosinho, que a boa irmã de caridade ensina, não teve essa fortuna. Mas na sua bondosa mestra encontra o ensinamento de que precisa como christão. Primeiro aprende a *benzer-se*, a fazer uma cruz com a mão da testa ao peito e d'um hombro ao outro; e depois a *persignar-se*, isto é, a fazer quatro cruzes, tres pequenas com o dedo pollegar, na testa, na bocca e no peito, e depois a cruz grande como quando se benze.

E para a tenra edade do orphão é quanto se lhe pode exigir que saiba em materia tão pura como a religião. Por isso se lhe ensina com particular carinho, praticando-se uma das mais bellas obras de misericordia: ensinar os ignorantes.

A NINHADA DE PINTOS

Nasceram agora os pintainhos! dissera a mulher para o marido ao ouvir piar no quarto contiguo ao da modesta alcova.

— Não fales tão alto! — retorquiu-lhe o homem, senão os rapazes não tardam a saltar da cama e a estarem de volta com elles.

— Agora dormem a somno solto.

— Sim, mas não ouves a piadeira que fazem. Naturalmente foi a mãe que pisou algum.

— O que me parece é que elles já teem fome.

Assim dialogavam por uma fria madrugada de fins de dezembro o sr. Antonio da Mó,

dono de uma azenha na ribeira que atravessa a pequena e laboriosa aldeia de ***, e a sua consorte, ao ouvirem o piar dos pintainhos recemnascidos.

Ainda o sol não era nado e já a moleira, Thereza era a sua graça, se levantara e correra a vêr os pintainhos.

Tinha ella deitado uma grande gallinha com quinze ovos escolhidos que eram mesmo quinze joias, e ao contal-os viu que nem todos os pintainhos tinham sahido da casca. Tratou, pois, de a tirar áquelles que ainda permaneciam dentro do envolucro cálcareo, e teve assim o prazer de verificar que a ninhada estava completa.

Entretanto tinham acordado os dois rapazes, João e Manuel, e, ao ouvirem piar os pintainhos, trataram de se vestir muito depressa e irem ver os recem-nascidos.

Logo ao segundo dia se manifestou impaciente a rapaziada.

— Então elles não nascem hoje? perguntou o Manuel.

— Não, só d'aqui a muito tempo é que se quebra os ovos, explicava a mãe.

— Mas ao depois estão todos já muito grandes, observava a Maria.

Emfim, decorreram os dias necessarios á gestação, e nasceram os pintos n'aquella madrugada.

Voltou Thereza á alcova a annunciar ao marido que todos os ovos tinham sido bons, mas este já estava na cozinha á espera do almoço, entretido a arranjar a lareira e a aquecer-se

Para alli se dirigiu a boa Thereza, muito contente pela sua ninhada.

— Vamos vêr os nossos pintainhos, responderam elles.

— Esperem que eu tambem vou, gritou-lhes Maria.

Os dois rapazes não quizeram esperar.

Então Maria, saltou fóra da cama, e assim mesmo em fralda de camisa e pés descalços deitou a correr atraz dos irmãos.

Chegaram os tres ao mesmo tempo junto do cesto onde a gallinha, toda ufana e soberba com a sua prole, chamava dois pintos que tinham saltado para o chão e que não podiam subir para o pé d'ella.

Maria viu um dos dois pintainhos e agarrou-o logo dando-lhe muitos beijos.

João, por detraz d'ella, de pé, com as mãos apoiadas nos joelhos, observava o recem-nascido.

MARIA VIU UM DOS PINTAINHOS E AGARROU-O LOGO...

Quando a mãe deitara os ovos, tinham João, Manuel e a pequena Maria pedido para que se puzesse um signal ou o nome d'elles em tres ovos, ficando depois os pintainhos que sahissem pertencendo a cada um respectivamente.

Accedeu a mãe de bom grado ao pedido, e com um carvão fez varios signaes em tres ovos, ficando a rapaziada muito contente, e fazendo calculos sobre o futuro dos tres pintos.

— Se o meu fôr um gallinho, diz o João, que era muito guloso, hei de lhe dar todos os dias migalhas do meu pão com assucar.

— Se o meu fôr uma frangainha dou-lhe muitos beijinhos, declarava a Maria.

— E tu, o que é que gostavas mais que sahisse? perguntava a mãe ao Manuel, o do meio.

— Eu queria, respondia este, que sahisse um gallo muito grande e bonito, como aquelle que tem a avó lá no moinho.

Todos os dias, quando a mãe ia dar de comer á gallinha que estava no chôco, iam todos a correr para vêrem os ovos.

— Olha, sahiram todos, disse ella para o marido, logo que o viu.

— O quê, os quinze?

— Sim.

— Não me agrada lá muito isso, replicava o sr. Antonio da Mó, porque a alimpadura de trigo e centeio é pouca, e o milho está caro.

— Então os pintos não comem muito, observou Thereza.

— O melhor então é vender esses que andam para ahi já crescidos e nos fazem mais despeza.

— Não, deixa-os estar, que são quasi todas frangainhas, e d'aqui a pouco estão a pôr.

— Sim, os pés no chão já elles põem ha muito, replicou o moleiro sorrindo.

Emquanto os paes assim conversavam na cozinha, tinham os dois rapazes corrido a vêr os pintainhos.

Ao vêl-os sahir do quarto, a irmã pequena, que ainda estava na cama e acordara ao barulho que tinham feito ao vestir-se, perguntou-lhesa onde iam.

Manuel assentou-se no chão, junto á irmã, e assim estiveram entretidos algum tempo, até que se lembraram dos ovos que a mãe tinha marcado e correram a perguntar-lhe quaes eram os seus pintainhos.

A boa mãe, na occasião de tirar a casca aos pintos que ainda estavam n'ella, não se lembrou dos signaes feitos nos ovos, não reparando portanto nos pintainhos sahidos dos que pertenciam aos filhos.

Quando os dois rapazes e Maria chegaram á cozinha, a perguntar cada um qual era o seu pintainho, viu-se Thereza seriamente embaraçada.

Querendo fugir ás responsabilidades de tão *grave* esquecimento, e, notando que Maria, quasi nua, tiritava de frio, pegou n'ella ao collo, ralhando muito, e dirigindo-se para a alcova, afim de a vestir.

Mas os nossos rapazes não desistiam de saber qual era o seu pintainho, e instavam com a mãe para que lh'o dissésse.

João perguntava se o pintainho d'elle era ama-

Supplemento ao n.º 792 do OCCIDENTE

30 DE DEZEMBRO DE 1900

A Virgem da Campina

Quadro de Raphael, existente no Museu de Vienna d'Austria

rello; Manuel se o que lhe sahira era preto e branco. Finalmente, Maria se o d'ella era branquinho.

Em vista da insistencia, a boa mãe, imaginou um subterfugio ao seu esquecimento, e emquanto ia vestindo Maria, explicava aos rapazes que só no dia de Natal se saberia qual d'elles era, porque então havia de apparecer-lhes uma coisinha encarnada na cabeça, que era a crista.

E assim addiou a satisfação da curiosidade dos filhos para aquelle memoravel dia, ficando elles crentes de que na ninhada appareciam os seus tres pintos, muito bonitos e de crista côr de coral.

Esteves Pereira.

UMA ESMOLA !

ONTA-LHE historias de convento?...

Que esmola irá o leigo pedir á linda fiandeira?

O cesto já vai tão cheio...! E ella a rir-se...! Em que lhe estará elle falando, na fome que vai pelo convento ou dos amores d'ella?

O que elle lhe diz interessa-a muito, que o fuso até parou.

Mas o frade vai falando, vai falando... Os corações alegres são mais faceis de mover-se á caridade. Elle vai contando-lhe historias, correu a aldeia toda, sabe tudo o quanto passa. Talvez lhe traga novas d'alguem que encontrou. Ella ri-se... Apanha esmola, apanha, que tens labia e ella é bonita... Depois dizes-lhe que has de rezar a Nossa Senhora, e ella é devota.

Já levas cheio o teu cesto... Amanhã irás por outro lado levar novas d'ella a outro... ou a outras. Ella é tão linda, deve ter tantos amores...!

Que diz a isso o leigo velho e risonho?

Que lhe importa?... Arre, burrico, para o convento, que o cesto já vai cheio!

UMA ESMOLA

DIABRURAS

A FINAL quem sabe? Talvez o pequeno venha a ser um artista!... Elle que logo se tentou ao ver o quadrinho.. !

Mas que desgraçado pintor! Assim deixou para ali a paizagem, que elle esperava lhe desse um dia uns magros cobres, pinceis e tintas... Os petizes eram trez n'aquella casa; a escola acabára; divertir-se a gente um bocado é tão bom, mesmo quando se não é petiz... E vai d'ahi, toca a pegar nos pinceis, toca a espremer as borrachinhas, toca a imitar o que o outro fazia!

Lindo! Vai ficar lindo! Vês aquillo? E' um moinho, não é? Vou pintar-lhe um nariz! .. E aquella arvore! E' a nogueira ali do visinho. Vou pôr lhe um chapéo alto. Aqui no rio, vou meter-lhe a Rita a lavar a roupa do marido.

E o companheiro a rir, e a pequena muito espantada do talento do irmão!

Por quanto querias tu vender o quadro, meu grande artista?... Agora com a collaboração ninguem te dá por elle um pataco. Pois olha que fresca era, muito fresca, e todos sabem que a frescura na paizagem é condição essencial.

Mas se ha tão máo gosto!

A VIRGEM DA CAMPINA

O bello quadro que tem o titulo acima, e cuja reproducção offerecemos n'este numero aos leitores d'O OCCIDENTE, é uma das obras mais formosas que sahiram do pincel d'esse artista tão celebre, de angelico talento e de nome d'anjo, o divino Raphael, que nasceu em Urbino, na Italia, em quinta feira santa do anno de 1483 e morreu em egual dia do anno de 1520, contando apenas 37 annos de edade.

N'este quadro notavel a muitos respeitos e que se encontra no Museu de Vienna d'Austria, reconhece-se bem a mão do discipulo querido do Perugino.

Como se verifica da analyse da Virgem da Campina, Raphael apresenta-nos uma composição tão cheia de simplicidade e tão bem escolhida que é um verdadeiro encanto. Ha muita correcção no desenho, muita graça e nobreza nas figuras, e as suas expressões, como a posição, teem perfeita naturalidade. São estes predicados, que tornam altamente apreciadas e inconfundiveis as suas obras.

O SINO DO CONVENTO

IA em cinco annos que lhe tinham começado as difficuldades na vida. Não fizera grande caso primeiramente. Que diabo! Que mulher as não tem? Uns dias maus, uma lagrima que a raiva pendura nos cilios, o caminho para o prego d'uma joia menos estimada... Até nos tempos mais felizes é isso historia para contar-se. Uma pagina de bohemia.

De mais a mais, ella não tinha certidão de edade. Sabia deitar uns calculos, mas poderiam ser errados... Talvez ainda não tivesse dobrado o terrivel cabo dos trinta, que tanto medo faz ás mulheres.

E esse primeiro transtorno pudera ainda esquecer: uma tintura nos cabellos escondêra as brancas, um pouco mais de pó de arroz disfarçara o traço da ruga a definir-se.

Mas o primeiro passo fôra dado, e o declive pronunciava-se cada vez mais rapido. Haviam então começado os dias atrozes de lucta constante, quasi sem respiro, as noites em que o coração oppresso não dá logar a um sonho bom, o terror do dia seguinte, a carta procurando reavivar lembranças mortas, escripta ás vezes em estylo brincado, que termina pedindo uma esmola em troca de antigos favores, cuja recordação aborrece! E o credor que toca á campainha... e a recusa brutal do lojista, que já promessas não engodam...

E a velhice ironica já se vai entretendo a marcar em rugas todos os sorrisos fingidos, que a dona do rosto lindo, pela vida fóra, foi espalhando ao acaso para o pão de cada dia. E que porção d'elle atirado pelas janellas! Ah! se ella pudesse ainda ir á lama buscar alguns bocados!

Descer... descer... E' lei cruel.

Atraz da miseria veiu a doença... E, quando sahiu do leito, mal se atrevia a olhar para o espelho, que d'antes tão bem a aconselhava. Agora aquelle rosto entristecido, de olhar sem brilho, em que ella fitava rancorosa o olhar e que rancoroso olhava para ella, parecia dizer lhe:—«Para quê?... Já lá vão os tempos!...»

E ella tinha fome e ainda ia combatendo... Pouco a pouco, as armas da lucta, as joias, os vestidos, a mobilia rica, essas mesmas se haviam inutilisado n'uma retirada forçosa..

Que tristeza de vida agora!... Com que desanimo, cuidadosamente, diante do espelho, com o cold-cream, com a borla do pó de arroz, com os cosmeticos, tratava de disfarçar as pregas dos olhos, as rugas da bocca, alisava a testa, dava um bocadinho de côr ás faces! Depois era o cabello, raro e secco, queimado pelas tinturas, que era preciso tapar com os crescentes, os cilios que era preciso fingir. E que duvidas na escolha do trapo menos immundo, da joia menos escandalosamente falsa! Um véo espesso sobre o rosto ainda é o melhor para occultar estragos... mas esse mesmo estava roto... Já na vespera uns garotos lhe haviam atirado uns ditos amargos á velhice pouco respeitavel... E ella soffrêra e calara-se... Felizmente um policia estava proximo... E olhava para o espelho e achava-se ridicula, tão ridicula, que forçosamente havia de dar vontade de rir aos outros... e ella sentir vontade de chorar!

* * *

Uma chuva miudinha e fria não deixára de cahir toda a noite. Ella voltava encharcada, com as botas cheias de lama, e uma dôr na face do esforço para o sorriso contrafeito. Subiu ás escuras a escada tortuosa do terceiro andar em que morava n'uma rua escura do Bairro Alto. Metteu a chave na fechadura, deu-lhe volta... Depois ainda hesitou, tornou a fechar a porta, desceu dois degraus... E' que tinha fome...

Para quê?... Não andava ninguem na rua...

Entrou no quarto. Accendeu a luz. Descalçou-se. Olhou para as botas que por detraz da lama riam... riam... Tirou o chapéo, as farripas loiras... Estava tão cançada... Era a velhice..

Tremia de frio. Embrulhou-se n'um chaile velho e sentou-se á espera... pelo costume.

Na rua cheia de lama a chuva muito miudinha cahia sem barulho. A lama nas ruas longiquas, mais buliçosas, abafava o rodar das carruagens. O silencio era completo.

E foi então que um sino tocou, que parecia estar chamando.

Ella ergueu a cabeça:

—A estas horas!

Distrahiu-se um instante dos negros pensamentos:

—E' quasi meia noite. Hoje é vespera de Natal!

E deixou outra vez cahir a cabeça e começou a pensar na vida.

O sino tocou mais uma vez e depois ainda outra.

—Estão as freirinhas velhas a chamar a gente á missa!

* * *

Que vida! Que miseria!

Relanceava o olhar pelo passado. Nem uma saudade!... Lembrava-se d'uns dias de maior embriaguez em que a memoria lhe adormecêra; mas que triste e desillúdido acordar! Nem sequer podia na fantasia, por maior esforço que fizesse, reconstituir as phisionomias dos companheiros. E depois embrulhava-os como n'um pesadelo... Nada sabia ao certo... Isso mesmo a compromettêra mais d'uma vez em cartas escriptas, confusas, revelando assim velhas traições. E a maior parte não lhe respondiam.

Que vida havia levado desde os dezasete annos, desde quando da aldeia onde havia nascido, onde deixára pae, mãe e o primeiro namorado, cahira no enxurro da capital.

Ha quantos annos isso fôra! Sabia lá contal-os! Como tudo se lhe atropelava na memoria, lama e oiro, gargalhadas avinhadas e lagrimas de raiva, noites de orgia e manhãs ennevoadas!...

Que vida!... E que lucrára com isso?... Nem uma saudade agora!... Que miseria!

* * *

Mas de repente o sino tocou mais alegremente. Badalava, badalava pela noite fóra! O padre no altar-mór cantava: *Gloria in excelsis!*

N'esse mesmo instante, soou meia noite na torre de S. Roque.

—Noite de Natal! murmurou ella. Lá na aldeia quanta vez eu fui pequenina á missa do gallo!...

Que longe estava tudo isso! A aldeia era lá tão longe!...

Era ella pequenina... O pae e a mãe vinham acordal-a, quando ella estava no melhor dos sonhos. E iam os tres por aquella charneca fóra, á luz das estrellas... Era longe desde o monte rodeado de azinheiros até á freguezia... Mas o caminho era lindo, a murta era então cheia de fructos e ainda alguns havia nos medronheiros... Tocava á missa na torre muito branca a sineta velha... Que alegria na egreja cheia de luzes!... E depois a volta... e a ceia que os esperava... Não havia dois dias que tinham matado o porco.

—Queres vir comnosco? perguntára uma noite o pae ao Manuel do moinho, que estava encostado á pia da agua benta para a ver passar.

Que alegria n'essa noite por aquella charneca fóra... Que boa ceia... E ella muito córada e o pae e a mãe a rirem e o Manuel a dar voltas ao chapéo, a dar-lhe voltas...

E pelas rugas pintadas da velha ridicula começou a rolar uma lagrima devagarinho, devagarinho, branca primeiro, depois vermelha, negra já quando lhe cahiu no regaço...

Até que afinal achára de que poder ter saudades!

João da Camara.

NATAL

«São-lhe palhas o bercinho,
E mansinho
Deita-o n'ellas Sua mãe;
Quem lá vira esta riqueza
Na pobreza
Do Presepe de Belém!»

Cancioneiro — JOÃO DE LEMOS.

«..., rompia a sempiterna aurora que da Creche de Bethlem se reflectiu na luz brilhante da civilisação por todo o orbe!»

A Creche — JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO.

ALGUNS seculos antes do nascimento de Jesus fôra dito por Michêas, um dos prophetas menores: «Bethlem, tu és pequena entre as cidades de Judá, mas sairá de ti Aquelle que deve reinar em Israel, Aquelle de que o nascimento e desde o principio, desde os dias da eternidade!

O seu imperio ha de subsistir e Elle conduzirá o seu rebanho pelo poder do Senhor com a magestade do nome de seu Deus!

Os povos hão de converter-se porque sua grandeza brilhará até ás extremidades da terra! Elle proprio será ossa paz. No decorrer dos tempos a montanha sobre a qual se ha de construir a casa do Senhor

levantar-se-ha acima das montanhas e das collinas, os povos afluirão ahi em massa e as nações terão préssa de vir lá, dizendo: — Vamos á montanha do Senhor e á casa do Deus de Jacob. Elle nos ensinará suas vias e nós caminharemos em suas veredas, porque a lei ha de sair de Sião e a palavra do Senhor sairá de Jerusalem!»

Esta prophecia entendia-se como relativa ao Messias e a tradição concernente ao local do berço achava-se de tal modo arraigada entre os judeus que, quando Herodes perguntou onde nascia o Christo aos principes dos sacerdotes e aos doutores do povo, responderam-lhe que em Bethlem.

N'um livro intitulado *A Terra Santa*, escripto pelo padre Gonçalo Alves, missionario, diz este distincto sacerdote referindo-se á sua visita a Bethlem:

«Ao fundo da Gruta, da parte oriental, vê-se o logar onde nasceu o Salvador. Uma placa de marmore branco, incrustada de jaspe e cercada por um circulo de metal, tem inscripta esta legenda:

Hic de Virgine Maria
Jesus Christus natus est»

Eis o facto que commemoramos n'estes dias que agora passam, já quasi rodados vinte seculos após o momento em que o Messias foi dado á luz do mundo! E não admira que um anniversario semelhante haja encontrado echo no coração de grande parte dos membros da familia humana, emancipador como foi para o ser racional aquelle parto glorioso de uma virgem de Nazareth!

O governo de Augusto, celebre imperador romano, então plenissimo de orgulho justificado pelo brilho de grandezas materiaes na conquista e pelos fulgôres mais diamantinos da intelligencia no campo das letras.

O herdeiro de Cezar não suspeitava que havia de legar ás gerações futuras uma phrase notavel arrancada de seu peito ao tomar conhecimento da desgraça de Varo, vencido!

Emquanto para cumprimento de suas ordens inspiradas no anhelo de saber quantas cabeças existiam submettidas a seu sceptro, José e Maria, se encaminhavam para a Judéa cheios de fadiga e ella pejada, sonhava talvez com delicias do poder o antigo triumviro que Montesquieu appellidou com propriedade, *pusillamine*.

Comprehende-se facilmente o perigo e a inclemencia de uma jornada emphrehendida assim com falta de recursos n'uma quadra impropria.

A pequena cidade de Judá não poude alojar estes dois subditos obedientes do imperial senhor, em seu recinto acanhado.

A conjunctura tremenda em que se viam Maria e o companheiro venerando, ageitava-se de molde a suscitar imprecações e a provocar desesperos contra quem ordenára o recenseamento em animos que não fossem como os seus resignados ás provações da sorte e serenos de consciencia no inabalavel de sua fé.

A noite porém avançava sempre, crescendo o frio e impondo-se necessidade de repouso.

Foi mister procurar abrigo e acolhimento para os corpos moidos de cansaço e para a alma afflicta.

Deparou-se-lhes então albergue humilde no presepio misérrimo que ia servir de theatro obscuro á scena mais portentosa nos registos da humanidade.

A palavra prophetica de Michêas tinha de verificar se nas horas d'aquella noite e a alvorada seguinte devia allumiar no involucro infantil de um recem-nascido a aurora legitima dos tempos, o astro esplendido e sem occaso em cujo perigeu as gerações serão chamadas a contas momentosas de julgamento ultimo. Com effeito, Maria foi mãe n'esse logar de desconfôrto e de silencio; resgatou de_cu pa humana e pagou tributo divinal de sua graça immaculada á natureza com o fructo de suas entranhas purissimas.

Espectaculo unico sustatório da critica, arroubamento mystico de suspensão indizivel, caudal de inspiração facunda, venham adeptos caprichosos de todas as escolas, partidarios ardentes de teimosia negativa e contraditoria, amantes sinceros de especulações philosophicas, venham todos, unanimes, contestar-lhe a veracidade authentica, eliminem das paginas da Historia, rasguem e reduzam a cinzas depois, o que vem narrado de bôca em bôca no largo transcurso de 1900 annos!

Empenhar-se-iam debalde em tão temeraria empreza, porque não se apaga nem se illude nas tradições seculares constantes a impressão de factos consumados e porque antes que Aquelle menino hebreu a Quem a sibylla se referia em sua linguagem inintelligivel quando Augusto insistia perguntando quem reinaria depois de si, antes que Aquelle infante da raça de David fosse collocado sobre as palhinhas da mangedora no interior da gruta de Bethlem pelas mãos delicadas da carinhosa Maria, já dizia do Messias a espectativa universal das gentes, ja era aguardada sua vinda em todos os povos de epocas remotas! No côro immenso de vozes que o chamam e na harmonia admiravel de monumentos que lhe são manifestamente allusivos, figuram em primeira linha os descendentes de Abrahão e de Jacob, seguindo-se-lhes chinezes, habitantes da India, gregos, romanos, tudo quanto é veneravel pela alta antiguidade de existencia e origem illustre pelo portentoso do pensamento e pela opulencia artistica no irradiar deslumbrante do genio.

Não ha noticia de nenhum outro phenomeno comparavel no trilho da vida commum e no turbilhão dos acontecimentos humanos, e nunca houve anniversario tão suggestivo e de tanto encanto como este do Natal.

E' que em Bethlem soltou-se um vagido redemptor de innocencia, que significava um cantico triumphal de gloria e um resplendôr ethéreo de Justiça eternal.

Posteriormente, o mundo alargou-se, foi devassado o segredo dos mares e o arcâno da Natureza pela audacia da creatura, e não só se reconhecem vestigios da Promessa primitiva em regiões ignoradas, descobertas para a luz civilisadora do progresso, mas a America inteira e talvez a Oceania toda sabem a esta hora que Jesus Christo, Messias Libertador, recebe no orbe catholico pela festa de sua Natividade a homenagem de adoração de mais de 200 milhões de almas espalhadas á superficie do globo.

Venho saudar-te, ó Jesus de Bethlem, na pobreza de meu estylo! não quiz deixar passar o teu Natal derradeiro no seculo que finda sem escrever algumas linhas de preito sincero ainda que despidas de merecimento esthetico! e ajoelhando diante de teu berço sem receio de apôdo algum repetirei a letra do famoso hymno arrebatador:

«Gloria a Deus nos Céos, e na terra paz aos homens de boa vontade!»

D. Francisco de Noronha.

UMA CONSORTE!... SEM SORTE

Com uma cara muito alegre, muito risonha, levantou-se o Macario no dia seguinte ao da grande loteria do Natal, e taes tropolias fazia, que a mulher e as filhas, chegaram a suppor que elle tivesse algum desarranjo mental

Ora o maroto do Macario, tinha uma entrevista marcada para aquelle dia, com certa costureirita a quem longo tempo namorara, e a idéa de talvez a possuir, enchia-o de felicidade.

D'ahi essa alegria.

— Mas que tens tu hoje, para estares assim tão contente? perguntava a esposa, olhando fito para elle.

— Foi a sorte grande que lhe sahiu! disse d'ali a filha mais velha.

— Exactamente!.. afirmou o Macario, agarrando-se áquelle pensamento da filha para se desculpar, apanhei os vinte contos!...

— Vinte contos?!... exclamaram em côro a mãe e as quatro raparigas.. Oh! que pechincha!.. E' a fortuna!.. a riqueza!.. a felicidade!...

E pulavam, riam, batiam as palmas de contentamento, dançando pelo meio da casa, como loucas.

E o Macario, sorrindo disfarçadamente, ajudava-as na illusão.

Ellas então abraçavam-n'o, atiravam-se-lhes ao pescoço, puchavam n'o para a direita e para a esquerda, e tanto o pucharam, que o desgraçado amanuense foi cahir de chofre sobre o chapeu alto, que estava em cima d'uma cadeira.

Então foi aos ares!

— Deixem-me, com um milhão de diabos!.. Olhem o que vocês fizeram!.. dizia elle mostrando o pobre *quico* todo feito n'um figo.

— Ora, deixe lá papá, tornou uma das filhas; os vinte contos dão bem para outro chapeu.

— Dão, então não dão!.. Pois fiquem sabendo que não appareço hoje em casa, senão lá para as tantas!..

E sahiu arrebatadamente pela porta fóra.

As raparigas pouca importancia deram ao caso, visto que a lembrança dos vinte contos, era sufficiente para lhes encher a cabeça de sonhos deliciosos.

— Ó Bertha? disse a mãe para a filha mais velha, e se nós fizessemos uma surpresa a teu pae?!.. Se renovassemos a casa, para quando elle voltasse achar tudo mudado?!..

— Valeu! mamã, valeu!... Manda-se a Joaquina ali defronte ao visinho marceneiro, e ajusta-se para pagar depois, se elle quizer...

— Então não ha de querer?!.. voltou outra. O negocio não é mau, e em o papá vindo, paga-se-lhe logo.

Foi a Joaquina chamar o visinho, e combinou-se tudo n'um instante

D'ali a pouco tempo, a casa parecia outra.

Sophá, cadeiras, um tapete com passadeiras em frente das portas, quadros para as paredes, cortinas nas janellas com grandes sanefas franjadas, emfim, uma transformação completa na casa de fóra, porque depois se trataria do resto.

Mesmo porque ellas haviam de pedir ao pae para se mudarem d'ali, que a rua era muito sombria, muito semsaborona.

Depois, tanto as pequenas como a mãe, foram-se vestir com os melhores fatos que tinham, e até a criada, lavou novamente a cara e poz um avental muito branco, todo bordado, que lhe resguardava o peito.

— A Mimi que vá para a janella vêr quando vem o pae, e assim que elle appareça ao principio da rua, vamos para a sala recebel-o. Sempre quero vêr a cara com que fica.

— Sim... sim... disseram ellas rindo e batendo as palmas.

*
* *

— Elle ahi vem!... elle ahi vem!.. gritou a Mimi para dentro, assim que viu o Macario apparecer lá ao cimo da rua.

— Meninas, venham cá!... Tu, Laura, senta-te ali, eu aqui, a Mimi acolá, a Bertha para o pé de mim com a Annita. Quando o pae entrar, levantem-se e cortejem-n'o ceremoniosamente.

N'isto sentiu-se a campainha tocar, e a Joaquina, que tambem estava ensaiada, foi abrir e disse que a senhora estava na sala esperando pelo senhor.

O Macario vinha com cara de poucos amigos. A costureira tinha faltado ao *rendez-vous* promettido e toda a felicidade do Macario tinha ido pela agua abaixo.

Assim que entrou na sala estacou e começou a esfregar os olhos julgando que estaria sonhando.

— O que é isto?!... que mudança foi esta?

As raparigas não se poderam suster mais tempo, e começaram a rir a bandeiras despregadas.

— Ora essa!.. voltou a mãe toda ancha. Pois nós, possuidoras de vinte contos, haviamos de ter uma mobilia tão pelintra como a que tinhamos?!..

Então é que o Macario perdeu todo o seu serio e começou a rir... a rir... como um louco.

— Porque te ris tu??..

— Ah!... pobres patetas!... Ora tratem de entregar isto ao dono o mais breve possivel, andem!...

— Entregar isto outra vez?!!... Era o que faltava!..

— Oh! malucas!.. os vinte contos que apanhei foram estes!... Vejam!...

E dizendo isto, tirou da algibeira um pequeno volume, onde se lia: «*Vinte contos, prefaciados por D. João da Camara.*

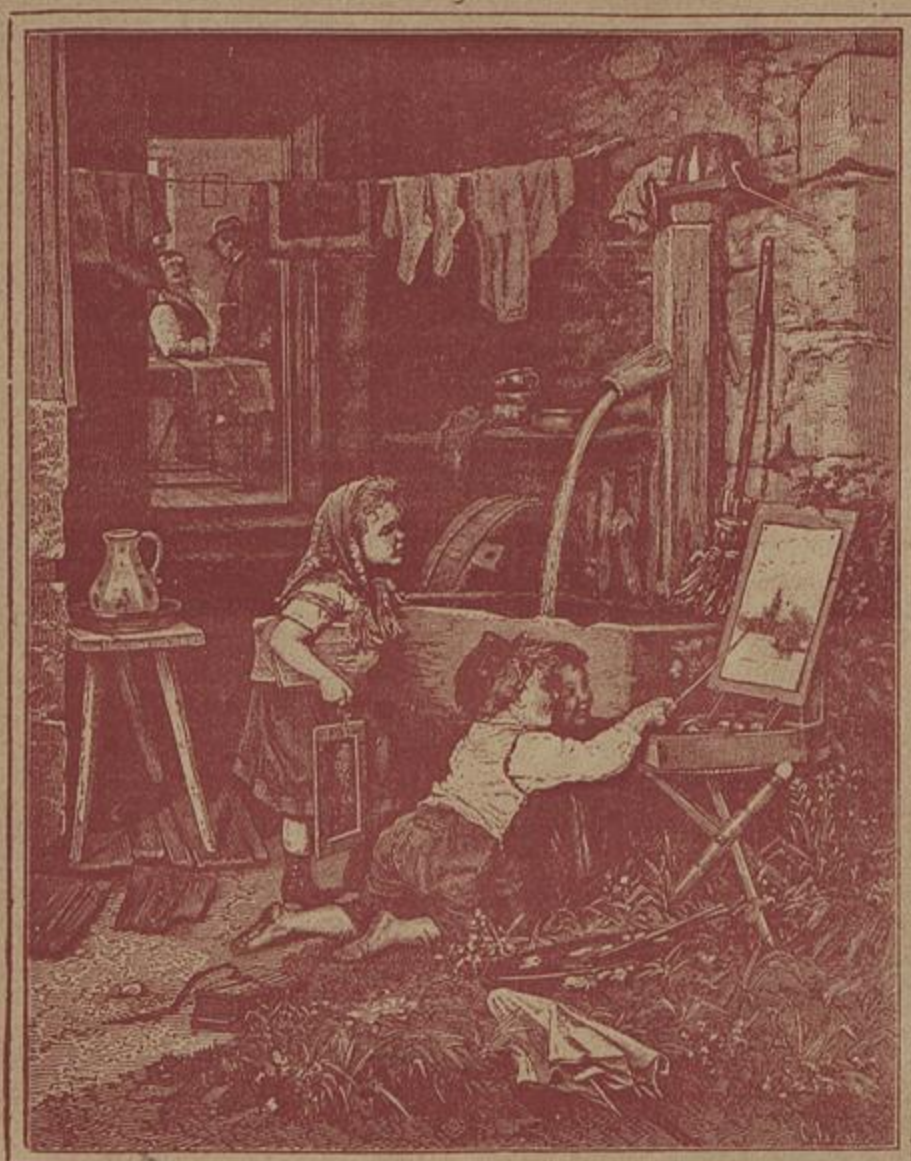
As quatro pequenas, agarraram-se umas ás outras, para não cahirem fulminadas.

— Então os nossos vinte contos... dizia a pobre senhora, petreficada no meio da casa.

— São *vinte historias*... publicadas por um amigo meu.

E acercando-se da esposa, afagou-a carinhosamente e disse-lhe baixinho:

— Minha querida!... decididamente, és uma *com... sorte* sem *sorte!*...

Ricardo de Souza.

DIABRURAS

Recebemos e agradecemos:

Vinte Contos *por Ricardo de Sousa. — Prefacio de D. João da Camara. — Lisboa, 1900.*

Varias razões nos obrigam a dispensar a este gracioso volume muito especial apreço. Primeiramente o nome do auctor, que os nossos leitores já teem tido ensejo de conhecer, graças aos seus contos aqui publicados. Ricardo de Sousa tem assim demonstrado que nem só materialmente convive com as letras, mas que em espirito as cultiva com esmero, contribuindo para que na typographia onde se compõe o OCCIDENTE e da qual tem a direcção, reine a atmosphera da arte, que é um elemento importantissimo nos productos das industrias graphicas.

Em seguida temos o nome do prefaciador, que tão querido é de quantos o lêem, e que ao valor proprio do livro vem ajuntar o prestigio do seu talento, sempre fulgurante, no encantador *Prologo* com que nos apresenta os *Vinte contos* de Ricardo de Sousa, explicando o pomposo titulo do volume que, «se não fosse um trocadilho, seria caso de parabens ao escriptor.»

Tambem a dedicatoria que o auctor fez d'este seu livro ao nosso presado director Caetano Alberto da Silva nos obriga ao sincero agradecimento que aqui e em seu nome lhe expressamos. E, por ultimo, ainda o natural dever de noticiar n'esta secção o apparecimento do interessante volume, visto que a pessoa que redige estas despretenciosas linhas foi distinguida com a penhorante offerta d'um exemplar dos *Vinte contos*.

Seriam, pois, de sobejo os motivos para que detidamente nos occupassemos do livro se não fôra nosso costume fazel-o sempre que o espaço nol-o concede.

São effectivamente em numero de vinte os contos que formam o volume e qual d'elles de titulo mais promettedor e suggestivo. Intitulam-se: — A condessinha — A castellã — A Esmeralda — O Heroe — O ultimo condemnado — Pobre Elvira! — Ao cantar do gallo — Artagnan — A cisterna do diabo — O natal de Alice — Gato por lebre — O fogo de Santo Antonio — Perdão! — O carro de ouro — O meu debute — A Cigarra — Campestre — Mau presagio — Jesus, Maria, José — A Campana dos mortos.

Como os titulos acima deixam entrever ha no volume contos com uma certa originalidade e dos mais variados generos; graves, romanescos, heroicos, patheticos, maravilhosos, burlescos, comicos e philosophicos. Em alguns a nota pessoal é evidente e deveras para apreciar; n'outros a observação é flagrante e apresenta-nos o auctor como realista, sabendo descrever a natureza, exprimindo com propriedade a impressão recebida, embora sem arroubos nem excessos litterarios, que tanto prejudicam a simplicidade descriptiva tão propria do genero despretencioso do conto.

Para aquelles a quem não é facil seguir o longo entrecho de um romance em muitos volumes o conto é uma especie litteraria apreciabilissima. Infelizmente os litteratos nacionaes que exploram esse genero são pouquissimos, e comtudo o acolhimento que as suas collecções teem recebido do publico são deveras animadores para que o numero d'elles augmente.

Felicitando, pois, a Ricardo de Sousa pelos seus *Vinte contos*, fazemos votos porque em breve tenha de fazer d'elles uma nova edição.

Album *de estatistica graphica dos caminhos de ferro portuguezes das provincias ultramarinas — 1898* — Lisboa — *Companhia Nacional Editora.*

E' este o terceiro album que a direcção geral do ultramar do ministerio da marinha e ultramar publica ácerca dos caminhos de ferro portuguezes nas provincias ultramarinas. Contem onze mappas com os resultados estatisticos dos annos de 1897 a 1898 e 3 com os resultados geraes desde o começo da exploração.

A extensão total dos caminhos de ferro no ultramar, em 31 de dezembro de 1898, era de 831 kilometros assim divididos:

Murmugão á fronteira ingleza...	82	kilom.
Lourenço Marques á fronteira do Transvaal..................	89	»
Loanda a Ambaca	321	»
Beira á fronteira ingleza	339	»
	831	

Representa este album um bello trabalho, digno do maior elogio. Os mappas que o constituem são muito bem traçados e finamente lithographados, podendo apontar-se como verdadeiro *specimen* de estatistica graphica.

De todos os caminhos de ferro ultramarinos se acham minuciosas indicações no presente album, com excepção do da Beira a Menini, cujos dados estatisticos se não receberam a tempo de serem publicados, o que é para deplorar visto tratar-se do mais extenso e portanto interessando bastante o seu conhecimento. E como se trata de um caminho de ferro explorado por uma companhia ingleza ainda mais conviria conhecer o seu trafego, etc. O caminho de ferro da Beira desenvolve-se d'esta cidade portugueza a Umtali e d'ahi até Salisbury na Rhodesia por uma extensão de 1:101 milhas, prestando a esta parte da Africa ingleza notaveis serviços que urge conhecer.

Aos nossos assignantes

Mais um anno decorrido e com elle Vinte e tres volumes completos do OCCIDENTE, a illustração portugueza que mais longa vida tem logrado.

Certamente para isto tem concorrido, alem dos esforços da empresa, deligenciando sempre corresponder ao programma com que ha vinte e tres annos inaugurou o OCCIDENTE, o decedido favor publico e constancia dos srs. assignantes, que tem animado nossas forças a presestir e proseguir no trabalho arduo, ajudado porquantos nos tem acompanhado e auxiliado com suas luzes, para que o OCCIDENTE seja uma verdadeira illustração portugueza que honra o nosso paiz, merecendo a attenção e consideração do estrangeiro, desde o seu principio, tendo logo no primeiro anno do seu apparecimento sido premiado na Exposição Universal de Paris de 1878, na de Anvers de 1894 e agora no grande certamen de 1900 em Paris.

Distinguido assim o OCCIDENTE nos centros mais civilisados do mundo, não o tem sido menos nos concursos nacionaes como o da Exposição Industrial Portugueza de 1888 e o da Exposição da Imprensa de 1898, onde lhes foi conferido o Grande Diploma de Honra.

E' animada por tantas provas de apreço e protecção que esta Empresa prosegue em sua obra, esperando que o futuro não desmerecerá o passado.

A todos os nossos reconhecidos agradecimentos.

A Empresa.

AVISO

Com este numero é distribuido a todos os srs. assignantes, além dos indices, frontespicio e capa de papel para o volume: Um supplemento A Virgem da Campina, quadro de Raphael.

Este supplemento avulso custa 200 reis. Numero e supplemento 320 réis.